



GARIMPO EM BALIZA-GO: UM LUGAR DE NOVAS RESSIGNIFICAÇÕES

RESUMO

O presente trabalho procura investigar como as relações socioespaciais, promovidas por meio das diferentes vivências, gerando a discussão sobre tradições, e crenças que contribuem para o desenvolvimento cultural da humanidade e seus reflexos na construção da categoria que caracteriza a mão-de-obra do garimpo no vale do Araguaia na região Oeste do estado de Goiás. A convivência entre diferentes culturas passaram a imprimir uma identidade única no local. Para haver uma melhor contextualização histórica do garimpo, utilizaremos a ótica da História Cultural, com o objetivo de fazer um elo entre essa e as relações estabelecidas pelo modo de vida do garimpeiro, estabelecendo os motivos e apontando para as singularidades que são apresentadas pelos garimpeiros do vale do Araguaia. Com o aporte teórico da História Cultural, e com a expressão dos seus conceitos, as relações articuladas pelos garimpeiros, serão explicitadas pela ideia de representação social e também do imaginário que faz com que pensamentos de uma população seja valorizada em meio a busca pelo metal precioso, ainda que a categoria trabalhada aqui, seja um lugar culturalmente marginalizado pelo senso comum, como apresentam a bibliografia disponível sobre o tema, que invariavelmente atrela a ideia da área de garimpo como “terra de ninguém”. Acentua-se neste artigo que o local onde o garimpeiro busca a sua ascensão financeira e social, e em consequência disso, a sua melhoria nas condições de vida, é um território que expressa um importante objeto de pesquisa quando se trata de diversidade cultural e social, por gerar uma nova conexão entre diferentes povos, que pela própria integração, faz com que sejam auferidas novas trocas de experiências e intercâmbios culturais com a (con) vivência na luta sofrida pela procura de um sonho que se esvai das mãos quanto mais o tempo passa, pois a cada pedra que acha necessita gastá-la para manter a sua sobrevivência, assim como a dinâmica do processo de garimpagem, como um trabalho de Sisifo, tendo o intuito de encontrar para além do metal precioso, uma vida digna, dentro do sistema capitalista que necessita da pobreza para existir e para se reproduzir, perpetuando a pobreza não só na área do garimpo como em outras áreas da sociedade.

Palavras-chave:

Cultura; Relações Sociais; Metal Precioso.

Introdução



O presente trabalho tem por objetivo cunhar questões sobre o modo de vida do garimpeiro na Região Araguaia, por meio do processo histórico de ratificação de tal categoria no citado território, mais precisamente no garimpo do poço dos alemães localizado no município de Baliza, Oeste de Goiás. Assim sendo, esta pesquisa procura demonstrar como ocorre as relações entre os garimpeiros, a interação de diferentes culturas, compondo uma nova identidade local, por meio da vivência do indivíduo entrando em contato com tais diferenças culturais.

A sociedade percebe os garimpos com relações iguais, indiferentemente de onde estão estabelecidos, não importando a distância entre um e outro, sempre generalizando o pensamento, não se dando conta de que os atores são pessoas, e que estas por si só são singulares. O garimpo é mal visto pela sociedade de forma geral, como sendo um território de ilusão, ganância, decepção, excesso de consumo de álcool, violência e prostituição, entre outros elementos. Ainda que se possa encontrar essas relações e sentimentos nos garimpos, há a questão da busca melhoria de vida, e também há a evolução dessas relações ao longo do tempo, além de novas construções de identidade e, sendo assim, as ressignificações que surgem por meio das relações sociais nos garimpos faz com que o que fora mencionado acabe por buscar mitigar as relações danosas às pessoas, como ocorre no garimpo do poço dos alemães.

Garimpeiros que passaram pelo poço dos alemães no final dos anos 90 e início dos anos 2000, foram ouvidos, sendo a forma para que esse presente trabalho pudesse ser elaborado, foi baseado em comparações desses relatos com a contextualização histórica e socioeconômica do país..

Para haver uma melhor contextualização histórica do garimpo, será mencionado teorias que abordam temas sobre ótica da história cultural de acordo com a metodologia de Silva (2011), com o objetivo de fazer um elo com as relações estabelecidas pelo modo de vida do garimpeiro. Posteriormente trata da construção das percepções e das definições dos estereótipos relacionados ao garimpo e, por fim, apresenta-se as relações sociais estabelecidas no garimpo dos alemães.

1 AS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS DE GARIMPO NO POÇO DOS ALEMÃES



O município de Baliza, no Estado de Goiás, fica às margens do Rio Araguaia, e está conturbado com o município de Torixoréu no Estado de Mato Grosso. Na década de 1920, migrantes garimpeiros, em busca pedras preciosas, formaram um povoado na região. Diversos pontos dentro do município foram tomados pela atividade garimpeira. Um desses pontos foi o Poço dos Alemães. Ainda hoje algumas pessoas montam suas barracas às margens do rio Araguaia para tentarem a sorte no garimpo, mesmo que segundo o histórico de Baliza, 2000 quilates de pedras preciosas tenham sido retiradas de seus garimpos (IBGE, 2015). Após a abertura comercial no governo Collor, no início da década de 1990, grandes empresas mineradoras passaram a adquirir com maior facilidade, máquinas (no caso do poço dos alemães, a maquinaria mais utilizada eram as dragas) para escavação de minérios profundos, ou ferramentas que fabricariam tais máquinas, ainda que se estivesse a percepção de esgotamento da atividade mineradora por volta da década de 1970 no município de Baliza, pois os minérios de fácil acesso haviam se esgotado. Essa reativação de minérios esgotados, atraíram famílias que construíram uma nova vivência dentro do garimpo, sendo movidos somente pela esperança.

O íntimo desses garimpeiros há que existir a esperança. É nela que se baseia a sua ação, a busca pelo metal precioso. Não há mais, no Araguaia, metal de fácil acesso, o que favorece a extração de alta tecnologia das grandes empresas mineradoras. Mas o garimpeiro do poço dos alemães, ainda resiste, mesmo tendo que retirar quantias de terra de forma manual para garimpar, dias a fio, para ter acesso a uma possibilidade de conseguir achar uma pedra preciosa. A sua morada é uma barraca de lona, onde se abrigam quando chega a noite. Antes de dormir, uma televisão à pilha, um jogo de cartas entre os garimpeiros – iluminados por um lampião - , talvez até uma pescaria, faça com que se busque uma distração, desopilando a mente, trazendo um refúgio psicológico. As redes, mais fáceis de se transportar são as suas camas.

O garimpeiro não se prende a um lugar, está sempre indo atrás do minério. Vive na incerteza de encontrar ou não um filão de metal precioso que possa ser explorado. Quando não acha por um determinado tempo que se julga longo, pode até desistir, mas quando acha uma pedra pequena que seja, se embebeda de esperança e ganha ainda mais energia para começar uma nova busca.



A categorização de uma classe, como a dos garimpeiros, por seu modo de vida singular, torna-se um foco de estudos pelo fascínio da promoção das relações culturais. A partir da década de 1980 houve uma maior intensidade na História Cultural para o estudo voltado às instituições sociais de etnias, gêneros, classe social, trazendo a importância da categoria, para se pensar as institucionalizações culturais (PESAVENTO, 2008). As ciências humanas, cumprindo o papel científico, utiliza a História Cultural como uma ferramenta para trazer um novo olhar sobre o mesmo objeto.

A percepção social do garimpeiro o traz como um ganancioso que abandona os seus para ir atrás de dinheiro. No poço dos alemães, quatro garimpeiros que sempre viajam juntos, levando a sua família lá se estabeleceram no ano de 1999, buscando o metal precioso. Suas esposas e filhos os acompanhavam. Certamente em um grande garimpo, dificilmente este poderiam se estabelecer, visto que as instituições são outras. Mas ainda assim, os garimpos podem promover essa nova ressignificação, por meio de lugares em que pouco se pode achar o metal, mas que ainda apresenta muita esperança. Nesse contexto, o homem de valores contestáveis em seu estereótipo pré-definido, passa a ser possivelmente pensado como um homem honrado, trabalhador, e que ainda que sempre busque o metal precioso, não abandona seus filhos e sua esposa. A prostituição não chega mais lá no poço dos alemães, pois não há mais a abundância que houvera outrora.

Os chefes de família têm suas origens em lugares distintos: 2 vieram do Maranhão, 1 do Piauí e outro do Ceará. Mas o poço dos alemães nem sempre foi alvo apenas de alguns. Em Torixoréu (lado mato-grossense da margem do Araguaia) e Baliza, chegaram vários migrantes garimpeiros na segunda década do século XX, atraídos pela notícia de abundância de metais preciosos no Araguaia. As duas cidades surgiram da ocupação garimpeira.

Não só de nordestinos eram compostos os garimpos, embora fossem a maioria, mas, de mineiros, paraenses, cariocas, paulistas, e também de mato-grossenses e goianos. Havia um encontro de diferentes vivências expressas em diferentes culturas. Atualmente com a globalização, isso intensificou-se ainda mais, e faz com que os historiadores culturais tenham um farto e complexo trabalho intelectual pela frente (BURKE, 2003).

Faz-se necessário categorizar de fato o objeto de estudo, como sugere a História Cultural, mantendo o foco nas relações culturais expressas, tornando legítimas, as relações de quem não têm voz na sociedade capitalista, que são descartáveis perante os



olhos da sociedade e que são discriminadas violentamente. A História Cultural pode dar voz as minorias.

Nesse cenário, normalmente, ainda há o proprietário das terras onde se realiza o garimpo. É ele que permite, por meio de uma forma que mistura concessão e sociedade, a exploração de metal em seu território. No poço dos alemães, já havia passado o auge exploratório, e ideia de quanto mais garimpeiros melhor, já não fazia parte dos planos do proprietário, que já visava uma concessão com as empresas que utilizam alta tecnologia. As 4 famílias, lá se instalaram sem a permissão do proprietário, que nunca apareceu, enquanto lá permaneceram, em busca do metal precioso. Dificilmente em um garimpo que não há mais “facilidade” na extração de metal precioso, o proprietário permite a instalação de abrigos de garimpeiros.

O trabalho no garimpo é árduo. De início utiliza-se a enxada, para cavar o solo até chegar a rocha dura. Essa pedra é quebrada, colocada ao sol e peneirada. As pedras pequenas, são levadas de carrinho-de-mão para uma bica d’água para serem lavadas, e novamente serem peneiradas em peneiras mais finas, e nessas pedras que sobram, o metal precioso pode aparecer. Normalmente o valor da pedra preciosa é dividido em partes iguais com o proprietário da terra.

Lá ainda havia dragas que puxavam o barranco, jogando os dejetos para o rio, assoreando-o, até chegar à rocha, onde é quebrada e separada pela própria máquina. Essas máquinas lá estavam paradas e ninguém apareceu para vê-las.

As interferências ambientais advindas do garimpo, como o assoreamento dos rios, impactam de forma negativa, gerando danos irreparáveis. A utilização de produtos que tem por objetivo separar as pedras, afetam diretamente a fauna nos rios, mas também o próprio garimpeiro que está em contato direto com o produto, normalmente metais pesados, com o mercúrio. Os grandes garimpos, após a extração de todo o metal, deixa em seu rastro uma área irrecuperável. O poço dos alemães está com um nível alto de assoreamento no Rio Araguaia, e há o perecimento dos animais devido a caça sem qualquer tipo de regulação, onde os garimpeiros buscam o seu alimento, inclusive as 4 famílias mencionadas.

A mudança da paisagem é uma eminência no rastro do garimpeiro que está em busca de riqueza, que dificilmente encontram, pois como diz o questionamento popular: “você já viu algum garimpeiro rico?”. Muito se crê que o garimpeiro gasta tudo o que se



consegue de forma promíscua, em aventura passageiras, e não acumula o capital para conseguir uma vida melhor. Ainda que certamente ocorra tais episódios, dificilmente toda a vez em que o garimpeiro achar uma pedra preciosa, ele não pense em sua busca de uma vida digna. É impensável que toda vez que tudo que consiga, seja destinado à esbórnica. Aqui entra outro ator que faz com que seja perpetuado a condição precária da vida do garimpeiro: o comprador. Esse agente tem a intenção de pagar o menos possível ao garimpeiro para colocar a pedra no mercado pelo maior valor que conseguir, obtendo o lucro. Nessa relação, o garimpeiro torna-se refém do comprador, principalmente se ele é único. Ainda mesmo se não for, há a distância do garimpo e da cidade. Quando os garimpeiros vão à cidade, não pretendem voltar com a pedra, vendendo ao preço que lhe for oferecido. Quando ao contrário, o comprador vai até o garimpo fazer a compra direta, o garimpeiro é convencido a vende-lo pois não precisará ter o gasto de ir à cidade. Em qualquer situação, o garimpeiro fica refém do comprador.

O garimpeiro assim como tantos outros trabalhadores, acabam então, por não serem trabalhadores livres, pois o sistema faz com que acabem por estar condenados como Sísifo. Cada vez mais vê-se que o garimpeiro acaba por se tornar um trabalhador descartável. As grandes empresas passaram a ter concessões de exploração de minérios, comandando uma massa de empregados assalariados que fornecem sua mais-valia ao capitalista, buscando a sua sobrevivência.

Ainda que diferentes garimpeiros possam atuar como essas 4 famílias, que estavam trabalhando no poço dos alemães em Baliza, possivelmente estarão, conjuntamente, na ilegalidade devido à questões impostas pela Justiça Ambiental, o que faz com que a tão mencionada ética, legalista, condene tais trabalhadores. Atualmente, as 4 famílias estão morando na região de Barra do Garças, onde 3 trabalham como caseiros de fazendas e 1 é mestre-de-obra.

2 FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO SOCIAL

A percepção das relações estabelecidas em uma área de garimpo pela sociedade, faz com que se crie algumas questões pré-estabelecidas, originando julgamentos, inclusive intelectuais, que decretam que situações gerais estejam acontecendo em áreas



específicas. Logicamente, que essas percepções não surgiram com um passe de mágica na mente de alguém. Garimpos de fato, em toda sua complexidade, apresentaram relações sociais nefastas, que geraram situações degradantes ao próprio ser humano, mas generalizar não exprimi a realidade.

...a definição de mito é igualmente uma constelação de arquétipos dinamizados por alguns esquemas [...]; ainda que o mito não possa ser reduzido a uma produção da atividade imaginativa: é também um relato, que como tal, obedece a modos de expressão linguísticos e a princípios diegéticos (DUBOIS, 1995 p.24).

Os garimpos que tiveram notoriedade histórica, baseado nas relações de época da economia mineira, escravocrata, trazem em seu contexto relações de extrema perversidade. Os garimpos contemporâneos que tiveram notoriedade nacional, são relatados pela sua imensidão. Não só pelo tamanho geofísico em si, mas também pelo contingente populacional, pela quantidade de metal garimpado, o que gera uma complexidade social, de difícil aceitação e compreensão para quem não está interagindo no ambiente.

Recebe-se a notícia de garimpos históricos e contemporâneos, como um ambiente insalubre ao ser, e faz-se desse contexto a formulação de um conceito geral.

Ainda há no meio da relação entre o estereótipo e o imaginário, a questão simbólica, que se torna o padrão da percepção e da definição do que é real, determinando o convencimento social. O símbolo passa a ser definitivo, para que a sociedade autentique a sua percepção, em forma de uma opinião dominante e final, não dando margem à reflexões e ou contra discursos sobre algum tema (BOURDIER, 2006).

3 A EPISTEMOLOGIA DA HISTÓRIA CULTURAL

O termo Cultura, quando usado no sentido de aprendizado e evolução intelectual, pode abranger diversas significâncias como o desenvolvimento de relações socioespaciais, que permitem ao indivíduo a convivência com o diferente. Quando consultado o dicionário, os primeiros conceitos numerados são ligados a agricultura, e somente no item 5 aparece a questão do desenvolvimento humano:



- 1 - Ato, arte, modo de cultivar.
- 2 - Lavoura.
- 3 - Conjunto das operações necessárias para que a terra produza.
- 4 - Vegetal cultivado.
- 5 - Meio de conservar, aumentar e utilizar certos produtos naturais.
- 6 - Aplicação do espírito a (determinado estudo ou trabalho intelectual).
- 7 - Instrução, saber, estudo.
- 8 - Apuro; perfeição; cuidado.

O substantivo Cultura em si, de acordo com Willians, evoluiu o seu significado ao longo do tempo.

Culture [Cultura] é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa. Isso ocorre em parte por causa de seu intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas europeias, mas principalmente porque passou a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis. [...] A origem [da palavra cultura] vem do latim colere. Colere tinha uma gama de significados: habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. Alguns desses significados finalmente se separaram nos substantivos derivados, embora ainda haja superposições ocasionais. Dessa maneira, "habitar" desenvolveu-se do latim colonus até chegar a colony [colônia] [...] (WILLIAMS, 1969, p.117-118).

Antes da Revolução Industrial, a palavra cultura estava ligada as reproduções sociais promovidas pelos camponeses. As ruralidades faziam com que seu modo de vida expressasse questões próprias e singulares em diferentes territórios. Fatores edafoclimáticos contribuía para que as relações sociais fossem distintas em cada lugar, promovendo comunidades com institucionalizações distintas.

Ainda tratando dos costumes e da diversidade entre as comunidades, a Revolução Industrial, promoveu o surgimento de novas institucionalizações, fazendo com que o desenvolvimento humano sofresse transformações sem precedentes, interferindo culturalmente no indivíduo. O substantivo cultura já não mais pertencia somente à zona rural. Herder (1968), na metade do século XVIII, foi quem iniciou a colocação da palavra cultura como um instrumento de pluralidade da “civilização”, deixando a homogeneidade



e a generalização obsoletas quando destinadas a definição de ressignificação histórico-social.

Partia-se então, ainda que no estado embrionário, para o tratamento da cultura como uma questão interdisciplinar envolvendo ciências como a História, Sociologia, Literatura, Antropologia, Psicologia, entre outras (HOGGART, 2009). Era um novo parâmetro do estudo da cultura que surgia, influenciando na interpretação dos fatos históricos, agora em uma sociedade mais urbanizada e dividida em classes sociais, que por si, promoviam diferentes relações culturais. A questão cultural passava a ser uma percepção histórica das institucionalizações dentro da análise das ciências humanas (WILLIAMS, 2011).

A História da Cultura ou História Cultural, passou a ser baseada na percepção das relações sociais dentro de definidos fatos históricos, colocando o indivíduo como centro promotor da institucionalização de costumes, de acordo com o seu desenvolvimento humano.

Em síntese os historiadores trabalhavam com uma história social que avançava sobre os domínios do cultural, buscando ver como as práticas e experiências, sobretudo dos homens comuns, traduziam-se em valores, idéias e conceitos sobre o mundo (PESAVENTO, 2008 p.32).

Essas novas relações entre teoria, empiria e história, faz com que o comportamento da mentalidade humana torna-se um objeto de estudo da história, visando esclarecer o processo de execução dos fatos históricos estabelecendo as percepções do ser sobre o seu entorno, o que se imagina fazer, e a implementação do imaginado, promovendo assim relações que explicam a contemporaneidade social.

A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado. Neste ponto, um novo conceito se apresenta como fazendo parte do elenco de mudanças epistemológicas que acompanham a emergência da História Cultural: o imaginário. Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. A idéia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de



representações coletivas tanto dá a idéia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica (PESAVENTO, 2008, p.43).

O resultado destas representações coletivas, oriundas das relações antropomórficas, acaba por criar categorias, que passam a representar culturas singulares, externalizando as institucionalizações estabelecidas à sociedade (BURKE, 2003). Os garimpeiros formam uma categoria de trabalhadores com costumes, dentro de sua forma de trabalhar, definidos até mesmo antes de chegarem à uma nova área de garimpo. As percepções que o censo comum traz à essa categoria já define um pré-conceito de como é a vida de um garimpeiro, pois se sua forma de trabalhar é a mesma, o seu modo de vida social também o é. E assim vão tratando todos os garimpos de forma generalizada, não dando margens às especificidades, imaginado sempre os diferentes como iguais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O garimpo tem uma imagem definida para a sociedade, assim como tantas outras categorias. A História Cultural, que se propõe a estudar as diversas categorias, traz em seu discurso, de forma científica, as ferramentas necessárias para desfazer o imaginário do senso comum que foi construído por meio de mitos que se propagam, sem freio, gerando definições precipitadas e por muitas vezes preconceituosas.

No exemplo do poço dos alemães em Baliza, Goiás, 4 famílias que permaneceram por 11 meses no mesmo local, conseguiram retirar algumas pedras preciosas do Araguaia, mas que entre a luta diária medida em receitas e despesas, acabou próximo do empate. Os 4 chefes de família que se conheceram em um garimpo em Itaituba no interior do Pará, deixaram o garimpo pois as crianças estavam crescendo e precisavam estudar. Buscar emprego fixo foi a alternativa buscada pelos agora ex-garimpeiros.

A História, por sua busca investigativa, pode mudar percepções, aproximar diferentes categorias, que possivelmente tenham problemas comuns, diminuindo o preconceito e o julgamento do desconhecido.



Referências

BOURDIER, P. **O Poder Simbólico**. Bertrand Brasil: São Paulo, 2006.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. Ed. Unisinos: São Leopoldo, 2003.

FERREIRA, A. **Mini Dicionário Aurélio. Edição Histórica 100 Anos**. Editora Positivo Livros: Rio de Janeiro, 2014.

HERDER, J. G. **Reflections on the Philosophy of the History of Mankind**. University Press: Chicago, 1968.

HOGGART, R. **The Uses of the Literacy: Aspects of working-class life**. Penguin: Toronto, 2009.

IBGE. **Cidades**. Acesso em 06 de novembro de 2015. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/goias/baliza.pdf>

PESOVENTO, S. **História & História Cultural**. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2008.

SILVA, N. **O Garimpo no Vale Araguaia**. PUC-GO: Goiânia, 2011.

WILLIAMS, R. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. Nacional: São Paulo, 1969.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Ed. Paz e Terra: São Paulo, 2011.